CULTURA AFRICANA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

SIMONE DA SILVA

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a importância de abordar questões étnico raciais em sala de aula, desde os primeiros anos iniciais. A Educação Infantil é o princípio da educação básica do indivíduo, fase primordial para o desenvolvimento da criança pequena em todas as suas especificidades. Nesse sentido, se faz necessário ensinar às crianças, desde as séries iniciais, a importância do respeito à cultura africana e afro-brasileira, uma vez que a sociedade é composta pela miscigenação de povos afrodescendentes. Ensinar as crianças, desde a tenra idade, sobre a importância de se respeitar aos colegas, independentemente da cor da pele, é de suma importância, uma vez que a criança crescerá sem carregar consigo, impressões racistas e preconceituosas em relação ao grupo social a que está inserida. Nessa perspectiva, o presente artigo apresentará no capítulo 1 as leis e diretrizes que embasam a necessidade de se valorizar a cultura africana e afro-brasileira e como estão organizadas as leis que regem o ensino da cultura africana e afro-brasileira no ensino regular. O capítulo 2 apresentará como ocorrem os procedimentos básicos de educação antirracista e se o mesmo é eficaz nas escolas de ensino regular. O capítulo 3 apresentará propostas de brincadeiras africanas, que podem ser desenvolvidas com as turmas de educação básica, no ensino regular.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Respeito; Antirracista; Preconceito.

INTRODUÇÃO

De acordo com o artigo apresentado em CULTURA..., (2021), tanto escolas como famílias têm um papel importante a desempenhar na promoção das identidades raciais positivas das crianças desde pequenas, ao simplesmente falar sobre isso. Nesse caminho, escolher e aplicar boas atividades para Educação Infantil sobre a cultura afro-brasileira torna-se uma ótima oportunidade de ensinar com intenção, honrando tradições e mostrando aos estudantes sua importância, junto à importância da história e da cultura negra no país.

Conforme apresentado em CULTURA..., (2021), as crianças assimilam o que seus pais e professores dizem (e não dizem), e o que veem na TV, as características de seus brinquedos e aprendem ao observar como as outras pessoas são tratadas em suas escolas e vizinhanças. É nos primeiros anos de vida, ao serem bombardeadas por mensagens do ambiente no qual vivem, que moldam suas crenças e julgamentos sobre outras pessoas – sejam positivos ou negativos, inclusive no que diz respeito à raça. Mesmo os bebês têm habilidades perceptivas para discernir diferenças físicas e reagir a elas.

Segundo uma pesquisa liderada por psicólogos da Universidade de Toronto, entre os seis e 12 meses de idade, os bebês começam a mostrar preferências por membros de seus próprios grupos raciais. Aos sete meses, em situações incertas, são mais propensos a seguir o olhar de um membro de sua própria raça. Aos nove meses, associam rostos de sua própria raça a músicas alegres e aqueles de outros grupos raciais a músicas tristes. Os pesquisadores sugeriram que esses padrões podem se desenvolver como resultado da falta de exposição a indivíduos de outras raças durante a infância e que tais associações implícitas podem abrir caminho para o desenvolvimento de outros preconceitos raciais, na primeira infância e além. (CULTURA..., 2021)

Ou seja, uma educação antirracista desde tenra idade tem o poder de mudar isso. Inserir atividades para Educação Infantil sobre a cultura afro-brasileira é um dos caminhos para trazer a diversidade e criar condições para conversas naturais, pelas quais as crianças entendam conceitos de raça, diversidade, equidade, racismo, intolerância e afins. A conscientização é sempre um bom começo. (CULTURA..., 2021)

CULTURA..., (2021) ressalta ainda que é sempre uma boa ideia, ao promover atividades para Educação Infantil sobre a cultura afro-brasileira, dar visibilidade às grandes personalidades negras que fizeram e fazem parte da nossa história e promover discussões sobre suas trajetórias. Mesmo os pequeninos têm opiniões e são instigados pela própria curiosidade. Envolva as crianças na ação em grupo. É fortalecedor quando ajudamos as crianças a transformar algo que é "injusto" em algo "justo". Às vezes, isso envolve lidar com o conflito pessoal, ajudando uma criança a falar em nome de outra criança. Mas é especialmente poderoso quando as crianças agem juntas.

1. EDUCAÇÃO, ÁFRICA E HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

De acordo com o texto EDUCAÇÃO... (2014), sabemos que há muito a se aprender sobre o continente africano e os processos de recriação de suas culturas, presentes em todos os lugares do mundo para os quais as

diferentes etnias africanas foram dispersas, seja por processos comerciais, seja pela imigração espontânea, seja pelo movimento violento do tráfico negreiro.

Conforme apresentado no texto EDUCAÇÃO... (2014), no Brasil, são incontáveis os estudos que afirmam essa presença de elementos culturais africanos recriados em nosso contexto histórico, social e cultural. É também notório como tal movimento intercontinental, intercultural e interétnico permeia a vida, os modos de ser, os conhecimentos, as tecnologias, os costumes, a musicalidade e a corporeidade dos outros grupos étnico-raciais que conformam a nossa população.

O texto EDUCAÇÃO... (2014) cita que por mais que esse processo seja uma realidade, também é fato que ele convive, no Brasil, com uma prática e um imaginário racistas. Esse racismo ambíguo se faz presente em nossa estrutura de desigualdade, em nossas ações cotidianas e na produção do conhecimento. Vários de nós, professores e professoras, temos histórias para contar sobre o silenciamento a respeito da África e sobre a questão afro-brasileira em nossos cursos de formação inicial. Carregamos marcas do tempo da educação básica, quando docentes e colegas manifestavam preconceitos e realizavam práticas discriminatórias em relação aos negros. Convivemos e conhecemos literaturas, materiais didáticos e de apoio pedagógico eivados de estereótipos raciais, sem a devida mediação pedagógica do professor e sem a necessária revisão e atualização das editoras. Em outros momentos, nós mesmos podemos ter sido sujeitos realizadores ou destinatários de tais práticas.

O texto EDUCAÇÃO... (2014) comenta que esse avanço se realiza de forma gradual e complexa nas diferentes regiões do país, pois caminha lado a lado com a desigualdade social e regional, bem como com a luta pela efetiva democracia. Por isso, a primeira questão a ser compreendida pelas professoras e pelos professores que tiverem acesso a este livro é o entendimento de que a tradução para o português dos oito volumes da coleção "História geral da África", da UNESCO, realizada em parceria com o MEC, faz parte do compromisso do Estado brasileiro no cumprimento do direito à educação, na garantia do inciso XLII do artigo 5º da Constituição Federal, que reza que o racismo é crime inafiançável e imprescritível, e no cumprimento dos tratados internacionais de superação da discriminação racial dos quais o Brasil é signatário.

O texto EDUCAÇÃO... (2014) salienta, porém que, ao estabelecermos contato com esse rico e complexo livro, duas perguntas se fazem urgentes: como essa publicação poderá contribuir para a implementação de práticas pedagógicas que trabalhem o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana, de acordo com a Resolução CNE/CP nº 01/2004? E como tornar acessível, para docentes de todas as etapas e modalidades da educação básica, um livro de tamanha densidade teórica voltado para o campo da pesquisa científica?

Assim, o texto EDUCAÇÃO... (2014), afirma que, na tentativa de responder a essas questões, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), do Ministério da Educação, em cooperação com a UNESCO, produziu esta publicação, voltada ao docente da educação básica, em parceria com um grupo de pesquisadoras de apoio pedagógico. E, como não poderia deixar de ser, o primeiro passo seria dialogar diretamente com um período forte em nossas vidas: a infância. Portanto, é aos profissionais que atuam na educação infantil que o presente livro se destina.

De acordo com o Plano Nacional de Implementação da Lei nº 10.639/2003,

> ... o papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam, valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras (BRASIL. MEC, 2003 apud EDUCAÇÃO... 2014).

EDUCAÇÃO... (2014) afirma que o papel da professora e do professor da educação infantil nesse processo é importantíssimo. A esses profissionais cabe a realização de práticas pedagógicas que objetivem ampliar o universo sociocultural das crianças e introduzi-las em um contexto no qual o educar e o cuidar não omitam a diversidade. Desde muito cedo, podemos ser educados a reconhecer a diferença como um trunfo e a diversidade como algo fascinante em nossa aventura humana. Desde muito cedo, podemos aprender e conhecer diferentes realidades e compreender que a experiência social do mundo é muito maior do que a nossa experiência local, e que esse mesmo mundo é constituído e formado por civilizações, histórias, grupos sociais e etnias ou raças diversas. É também bem cedo em sua formação que as crianças podem ser reeducadas a lidar com os preconceitos aprendidos no ambiente familiar e nas relações sociais mais amplas.

EDUCAÇÃO... (2014) ressalta ainda que essas mesmas crianças têm o direito de ser e se sentir acolhidas e respeitadas nas

suas diferenças, como sujeitos de direitos. Sua corporeidade, estética, religião, gênero, raça/etnia ou deficiência deverão ser respeitadas, não por um apelo moral, assistencialista ou religioso, mas sim porque essa é a postura esperada da sociedade e da escola democrática que zelam pela sua infância. Por isso, as ações e o currículo da educação infantil deverão se indagar sobre qual tem sido o trato pedagógico dado às crianças negras, brancas e de outros grupos étnico-raciais, bem como a suas famílias e histórias.

EDUCAÇÃO... (2014) afirma ainda que não se trata de uma postura individual, mas de uma prática coletiva. Sendo assim, as instituições que ofertam a educação infantil deverão analisar criticamente, sob a perspectiva da diversidade, o material didático selecionado, os brinquedos, a ornamentação das salas, as brincadeiras, as cantigas, a relação entre os professores e as crianças, e entre as próprias crianças, e indagar: as crianças têm sido pedagogicamente tratadas de forma digna? A presença negra – componente importante da nossa formação social e histórica – se faz presente na educação das crianças de 0 a 3 e de 4 a 5 anos? Como?

Essas perguntas se aplicam a todo e qualquer professor da educação infantil, quer os que trabalham com crianças dos meios populares, quer os que atuam em instituições particulares de ensino. É sempre bom lembrar que não é preciso ter a presença física da população negra entre nós para aprendermos e sabermos respeitá-la. O respeito à diferença não deve acontecer apenas no momento em que entramos em contato direto com o dito "diferente". Ele deve ser um princípio, um eixo norteador de todo e qualquer currículo, ação pedagógica e prática social. (EDUCAÇÃO... 2014).

De acordo com EDUCAÇÃO... (2014), esse currículo se realiza no contexto de diversas instituições de educação infantil, ainda distribuídas desigualmente nas cinco regiões brasileiras. A luta pela ampliação da oferta da educação infantil tem sido uma constante. Ainda que a partir da LDB a educação infantil tenha se tornado a primeira etapa da educação básica, sua plena realização como direito ainda não foi alcançada por todos.

É na ação curricular que as práticas são realizadas e as crianças pequenas aprendem a conviver umas com as outras, têm contato mais direto com as diferenças, expressam e adquirem valores. Nesse contexto, os preconceitos raciais também são aprendidos e nem sempre são alvo de uma séria intervenção pedagógica. Cada vez mais, os profissionais da educação infantil vêm percebendo essa situação, observando que a necessidade de superação dessas práticas tem sido apontada por pesquisas e reconhecida nos documentos oficiais. Porém, ainda se faz presente de forma muito incipiente na formação inicial e continuada dos professores. (EDUCAÇÃO... 2014).

É nessa realidade que todos nós somos educados, inclusive as crianças pequenas. Sendo assim, "ainda estamos muito distantes de poder dizer que as crianças não atribuem valores superiores aos traços físicos de pessoas brancas e, inversamente, inferiores, aos dos negros" (TRINIDAD, 2011, p. 164 apud EDUCAÇÃO... 2014).

1.2 INFÂNCIA E LUTA POR DIREITOS

EDUCAÇÃO... (2014) cita que, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, entre os eixos norteadores das práticas pedagógicas que compõem o currículo da educação infantil, destaca-se a garantia de experiências que "possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade" (Resolução CNE/CEB nº 5/2009). No entanto, sabemos que o reconhecimento da diversidade não é uma tarefa simples, pois requer a valorização das diferentes culturas, ou seja, a compreensão dos meandros da construção cultural situados na dinâmica das relações sociais e políticas que constituem nossa sociedade.

Atingir esse objetivo se torna uma tarefa complexa, sobretudo, quando se trata de culturas produzidas por grupos sociais e étnico-raciais, cuja participação social e política é ainda pouco estudada e conhecida no campo educacional – e em nossa sociedade como todo –, em decorrência de um processo histórico de dominação e silenciamento. Esse é o caso das culturas de matriz africana em diferentes partes do mundo e, em nosso caso específico, no Brasil. (EDUCAÇÃO... 2014).

É esse o entendimento que orienta a articulação entre a educação infantil e a história e a cultura afro-brasileira e africana. Ele se funda na compreensão de que essa etapa da educação básica é um direito fundamental e, por isso, deve estar intrinsecamente vinculada aos direitos mais básicos da infância. É nessa perspectiva que se torna possível articular a concepção e as orientações da educação infantil presentes nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Para tal, é importante que os profissionais da educação infantil conheçam essa legislação e compreendam a sua radicalidade política e pedagógica. (EDUCAÇÃO... 2014)

EDUCAÇÃO... (2014) comenta que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil explicitam em seu texto:

“O combate ao racismo e às discriminações de gênero, socioeconômicas, étnico- raciais e religiosas deve ser objeto de constante reflexão e intervenção no cotidiano da educação infantil” (BRASIL, 2009a, p.10 apud EDUCAÇÃO... 2014).

EDUCAÇÃO... (2014) ressalta que conhecer como a educação infantil percorreu esse caminho, como ela se torna preocupação do Estado e ganha, a partir do início deste século, um outro lugar nas políticas educacionais, desenvolvidas sobretudo pelos programas e ações do governo federal, é uma postura necessária aos profissionais que lidam com a infância. Como tratamos, aqui, de uma proposta de educação infantil que se articula com o ensino de história afro-brasileira e africana, é também importante saber que, ao longo desse caminho, outro também foi percorrido: a luta da população negra pelo trato digno e respeitoso, e pelo direito à diversidade e à identidade étnico-racial de suas crianças. São histórias, tempos, trajetórias e vivências intrinsicamente articulados, porém distintos.

2. ÁFRICA E BRASIL: UNIDOS PELA HISTÓRIA E PELA CULTURA

De acordo com a reportagem de Wellington Soares (2022) à revista Nova Escola acosta oeste africana e o litoral brasileiro já estiveram conectados. Há 200 milhões de anos, os dois territórios começaram a se separar e assumiram as atuais posições, afastados milhares de quilômetros pelo Oceano Atlântico. O mar que os separa é também o responsável pela ligação entre eles nos tempos modernos: 4,4 milhões de africanos o cruzaram contra a vontade entre os séculos 16 e 19 em direção ao Brasil.

Soares, (2022) afirma que essas pessoas tiveram um papel importante na construção do nosso país e cita “A África está em nós, em nossa cultura, em nossa vida, independentemente de nossa origem pessoal”, defende Mônica Lima e Sousa, coordenadora do Laboratório de Estudos Africanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Leáfrica/UFRJ), no artigo História da África, publicado na Revista do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira, da Universidade Federal Fluminense (UFF) (apud SOARES, 2022). Por isso, as tradições, a cultura e a trajetória dos descendentes dos africanos escravizados compõem um objeto de estudo importante para todas as crianças e os jovens, negros ou não.

Soares, (2022) afirma que o tráfico negreiro e a escravidão determinaram o presente do nosso país. A população vinda do continente africano criou aqui raízes, família, cultura, história. Hoje, 53% dos brasileiros se declaram pretos ou pardos, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2013, citado por Soares, 2022. Esse grupo é grandemente desfavorecido. Dados tabulados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) comprovam: eles são a maioria dos analfabetos, com a maior taxa de distorção idade-série, e o trabalho infantil é mais comum entre eles do que entre brancos. (SOARES, 2022)

2.1 INFOGRÁFICO RACISMO NO BRASIL

De acordo com a reportagem apresentada por Vilmar Oliveira, (2022), à Revista Nova Escola reconhecer que existem desigualdades raciais e combatê-las é lutar contra o racismo. A lei 10.639, em vigor desde 2003, determina que isso também aconteça dentro das escolas, que passaram a ter de incluir o tema em seus currículos. Oliveira, 2022 cita André Lázaro, que esteve à frente da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (Secadi/MEC) entre 2004 e 2011. “E assumindo os valores criativos e positivos dessas culturas que a escola pode contribuir para a superação do racismo e da discriminação que ainda organizam fortemente a desigualdade brasileira”, defende. Entre as ações estabelecidas devem estar a Educação para o combate ao racismo, a reflexão sobre o papel do negro na história do Brasil e a valorização da história, cultura africana e afro-brasileira e o conhecimento científico construído por pesquisadores e pensadores negros. (OLIVEIRA, 2022)

Oliveira (2022) afirma que, apesar de a legislação valer há mais de dez anos, ainda são poucos os casos em que ela é bem incorporada ao cotidiano das escolas. Uma pesquisa realizada por diversos órgãos aponta os principais entraves para a efetivação dela: há escassa formação sobre o assunto, poucos docentes conhecem a norma e muitos não a consideram legítima. “O processo de implementação enfrenta resistências e obstáculos pelos mesmos motivos que justificam a existência da lei: no Brasil, há um racismo silencioso que desqualifica o debate sobre a discriminação”, explica André Lázaro, pesquisador da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (Flacso), citado por Oliveira, (2022).

Oliveira, (2022) comenta ainda que mudar esse cenário requer trabalho em diversas frentes, das políticas públicas ao cotidiano da sala de aula. As redes precisam oferecer formações e debater o tema para que os administradores das escolas incentivem a incorporação dele em diversos âmbitos e os professores incluam conteúdos relacionados à história e à cultura africana e afro-brasileira em suas aulas. Para repensar as próprias práticas e posições, os docentes devem observar suas atitudes e expectativas em relação aos alunos com diferentes cores de pele. Os educadores, por exemplo, podem ter comportamentos discriminatórios

ao orientar os estudantes sobre as possibilidades de carreira. Para as de ensino técnico, muitos encaminham os alunos que não são brancos. Para os demais, por sua vez, é recomendado um curso universitário. A escola não está imune à discriminação. (Oliveira, 2022)

De acordo com Oliveira, (2022), na sala de aula, não basta só problematizar atitudes racistas vindas dos alunos ou da comunidade escolar, mas também rever o conteúdo ministrado. O objetivo deve ser desconstruir visões estereotipadas sobre africanos e afro-brasileiros e mostrar a importância deles na construção das sociedades contemporâneas. Para isso, é fundamental tratar do protagonismo desses grupos em diversos momentos da história, representando-os como seres humanos que criaram laços familiares, produtos culturais e que têm trajetórias próprias na história.

3. JOGOS E BRINCADEIRAS AFRICANAS: O BRINCAR QUE NASCE DO CHÃO

Em um artigo para o Facebook Linkedin Twitter, os autores Jonathan Aguiar e Matheus Pinheiro, (2022) descrevem sobre o brincar, o lúdico, a criatividade pressupõe entender que são processos contínuos que não têm um fim em si mesmo. Todavia, fica o convite para pensar, refletir e agir de modo brincante, criando outras intervenções, propostas e ações que, possivelmente, podem culminar em outras formas de defender o lúdico que habita em você e em nós.

De acordo com os autores, o brincar faz parte da cultura e, quando propiciamos um espaço brincante, ajuda crianças a desenvolver a criatividade, a ampliar a sensação de liberdade, sendo esta capaz de ser autônoma e autora de sua própria história. Por falar de história, os jogos nos conectam com os contextos sociais, os povos e as nações, logo, conhecer as suas origens e seus desdobramentos nos permitem ampliar os nossos repertórios lúdicos, culturais e africanos.

Aguiar e Pinheiro, (2022) selecionam algumas dicas de jogos e brincadeiras africanas e/ou afro-brasileiras, com a finalidade de articular teoria e prática para que educadores e professores possam conhecer outras maneiras de tornar o chão da escola mais plural e a vivência lúdica mais rica onde priorize a cultura popular, o brincar que nasce do chão e que sua discussão central é a cultura africana. Aguiar e

Pinheiro, (2022) a poeta e professora, Denise Cruz, em nossa obra: "Tenho direito ao brincar nascido do meu chão. Heranças repletas de aprendizagem e diversão. Vindas dos meus ancestrais. Tenho direito a outras formas de brincar. Que trazem as histórias de meus antecessores. E, que de mim, contem mais!"

Aguiar e Pinheiro, (2022) comentam que o olhar para o brincar e para as africanidades brasileiras é dizer que somos lúdicos e criativos e que todo o processo desde o movimento de contar uma história, se encantar com as narrativas, aprender com as singularidades e os pertencimentos da cultura africana nos mostram que a essência lúdica nasce do chão, do corpo, da mente, do olhar para dentro de si e se conectar e interagir com o outro. Eis aí o caleidoscópio lúdico existindo, reexistindo e possibilitando processos de interação entre um sujeito integral, até porque não somos partes isoladas, somos todos em um.

Para Aguiar e Pinheiro, (2022) o brincar é o encorajamento diante das marcas de exclusão. É subversivo, é resistência e reexistência. De acordo com os autores, em uma favela onde o confronto e os conflitos armados acontecem todo dia (e, que atravessam a vida de crianças e jovens negros), uma criança que brinca, que ri e que se encanta está se rebelando, está demonstrando que o sistema que foi feito para matá-la não venceu! Mesmo diante de tantas mortes que são noticiadas entre os corpos negros.

Aguiar e Pinheiro, (2022) ressaltam ainda que além disso, o brincar é o estímulo para romper com as dificuldades de aprendizagem e ensinagem. O brincar é o elo de culturas, cores, sensações e sabores. Por fim, o brincar é o nascer. E, para se nascer e florescer, é preciso de cuidado. Que nossas crianças sejam cuidadas pelo zelo, pelo espaço de segurança e confiança. Que os adultos se tornem pontes entre sorrisos, lágrimas e o desafio de educar construindo uma cultura de paz. O brincar é essência, o brincar nasce do chão!

Aguiar e Pinheiro, (2022) apresentam as seguintes brincadeiras africanas, que podem ser vivenciadas nas escolas de Educação Infantil e Fundamental:

SHISIMA

Objetivo: mover as peças de modo que forme uma linha reta.

Participantes: a partir de dois jogadores.

Shisima é um jogo de estratégia que tem sua origem no Quênia. Para iniciar a partida, os jogadores deverão sentar-se um de frente para o outro. Cada participante receberá três peças que deverão ser colocadas em cada lado oposto. Um jogador, por vez, move uma de suas peças pela linha, até o espaço vazio. A finalidade é movimentar as peças no tabuleiro de modo que se crie uma linha reta com elas. O primeiro que colocar as suas peças em linha reta vencerá a partida. É importante lembrar que, se um jogador

repetir o mesmo movimento por três vezes, a partida se encerrará com um empate. Com isso, um novo jogo é iniciado.

De acordo com os autores, Shisima quando é usado sem um fim para a aquisição de conhecimentos específicos de uma determinada área curricular (Matemática) pode ser considerado um jogo educativo amplo por oportunizar a experiência lúdica do ser brincante entre o manuseio das peças e o ouvir seus colegas enquanto jogam. À função do jogo é também aproximar sujeitos, permitir as manifestações imaginárias e a socialização de histórias, conquistas e, por fim, lidar com as emoções. O perder e o ganhar fazem parte do jogo, fazem parte do brincar e, nessa ação lúdica, abrem-se outras possibilidades de interação.

OSANI

Objetivo: relatar objetos e coisas redondas.

Participante: a partir de três participantes.

A brincadeira Osani tem origem da República Democrática do Congo, da floresta de Ituri. Esta brincadeira possui significados e conhecimentos milenares. Os participantes sentam-se juntos, uns dos outros, com as pernas esticadas para o centro do círculo. Lembre-se de que os pés devem estar alinhados, formando uma muralha protetora. Aí o brincar começa! Cada participante deve dizer o nome de algo redondo: -Olho! diz o menino. -Sol! -Lua! -Planeta Terra!... A pessoa que não consegue falar o nome de algo redondo deve sair da brincadeira. A criança ou o adulto que conseguir ir até o final é a que vencerá o Osani.

Aguiar e Pinheiro, (2022) comentam que a brincadeira é a expressão da linguagem e da cultura. É por meio dela que nos constituímos em sujeitos e construímos a nossa identidade social e cultural. Há inúmeras formas de brincar e se relacionar com o mundo, o universo, a natureza e os territórios que estão inseridos. Brincar é criar vínculo. É se envolver com as nossas imaginações e com aqueles que nos convidam a brincar. Nessa perspectiva, a brincadeira acontece em pé, sentado, com os olhos abertos, com os braços levantados e qualquer outro movimento. Portanto, o corpo também é um elemento lúdico e necessário na arte de brincar. Dito isso, as crianças sentam-se em roda, os adultos se juntam e participam da brincadeira, o Osani pode propiciar toda essa experiência lúdica.

MAMBA

Objetivo: fugir da cobra, sendo o último a ser pego.

Participantes: a partir de cinco pessoas.

Mamba é originário da África do Sul. Para realizar essa brincadeira, primeiramente, devem-se marcar e estabelecer os limites da área do jogo. Após isso, um jogador deve ser escolhido para ser Mamba (cobra). O participante que for eleito cobra deverá correr ao redor da área marcada tentando apanhar os outros. Quando um dos demais participantes for pego, ele segurará sobre os ombros ou a cintura do jogador que representa a cobra e, assim, o ajudará na caça dos outros jogadores sucessivamente. Somente o primeiro jogador (a cabeça da serpente) pode pegar outras pessoas. Os outros jogadores do corpo podem ajudar não permitindo que os adversários passem, pois estes não podem passar pelo corpo da serpente. O último que for pego vencerá.

A brincadeira Mamba nos leva por meio dos seus aspectos lúdicos a criar associações, a desenvolver as habilidades intelectuais e motoras onde põe em evidência o ato de correr, pegar, pular que fazem parte das aptidões físicas. Assim, também, a reflexão de solucionar os conflitos que surgirem entre ganha e perde a própria brincadeira, sabendo que ela res gatará o valor da cooperação. Outro aspecto que podemos perceber é a inversão de papéis, na qual, uma hora, o participante está fugindo da cobra para não ser pego, já na outra, ele faz parte da cobra e ajuda a capturar os demais participantes. O mais encantador de brincadeiras nesse sentido é a liberdade para ser “herói” e “vilão” em um curto período.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa bibliográfica apresentada nesse presente artigo, percebe-se um grande avanço em relação às ações antirracistas presentes em nossa sociedade.

Felizmente hoje, leis e diretrizes foram constituídas como forma de garantir que o preconceito e o racismo sejam dissipados promovendo direitos igualitários para todos de forma equitativa. Porém, ainda há muito a que se fazer, para que ações preconceituosas e racistas desapareçam sumariamente.

Nesse sentido, a Educação é o ponto crucial que promoverá não só a inserção dos direitos igualitários das pessoas negras, mas também garantirá que as crianças compreendam, desde pequenas sobre a necessidade de se respeitar e compreender mais sobre uma cultura tão importante e presente em nossa sociedade.

Assim, ensinar às crianças sobre a cultura Africana e Afro-brasileira desde pe-

quenas, desmistificará a falsa compreensão de que o negro é diferente das demais etnias. A criança então terá um olhar mais sensível, humano e compreensível, ao conhecer sobre a história da escravidão e suas implicações em nossa sociedade.

Ensinar à criança sobre a Cultura Africana e Afro-Brasileira permite ao educando não só conhecer sobre a cultura de um povo nobre e digno de todo respeito, mas ensina também sobre sua própria origem, uma vez que a cultura brasileira é rica, graças a miscigenação de outras culturas, inclusive a Africana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Jonathan; PINHEIRO Matheus - Jogos e brincadeiras africanas: o brincar que nasce do chão, FACEBOOK LINKEDIN TWITTER, 2022. Disponível em: Jogos e brincadeiras africanas: o brincar que nasce do chão | Planneta Educação (plannetaeducacao.com.br, 2022. Acesso em 14 de maio de 2023.

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. História e Cultura africana e afro-brasileira na educação infantil/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. – Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

or que criar atividades para Educação Infantil sobre a cultura afro-brasileira? Editora do Brasil, 2022. Disponível em: editoradobrasil.net.br. Acesso em 20 de Abril de 2023.

OLIVEIRA, Vilmar - Infográfico racismo no Brasil Revista Nova Escola, 2022. Disponível em: Especial África e Brasil | Nova Escola. Acesso em 15 de Março de 2023.

SOARES, Wellington - África e Brasil: unidos pela história e pela cultura. Revista Nova Escola, 2022. Disponível em: Especial África e Brasil | Nova Escola. Acesso em 15 de Março de 2023.